

Pobres & Nojentas



"Nojenta" é a pessoa que
questiona velhos valores,
cria o novo e persegue vida
boa e bonita para todos

Florianópolis (SC), novembro/dezembro de 2006 - Ano 1 - Nº 04 R\$ 4,00



Foto: Marcela Cornelli

Depressão
é mais
frequente
nas
mulheres

Economia solidária
nutre desejo de
mudança social

Resistência na marcha e no silêncio



Foto: Janice Miranda

Relembrar,
mas viver
no presente

Hebe de Bonafini, da
*Asociación Madres de
Plaza de Mayo*, conta a
luta iniciada em 1976



Foto: Ricardo Casarini Muzy

3 **Editorial**

4 **Comunidade**
Mãos que tecem solidariedade

7 **Perfil**
A bela que enfrenta
a vida fera

10 **Luta popular**
Toda quinta-feira elas dão à luz

14 **Ossos do Ofício**

15 **Saúde**
Depressão exige tratamento

17 **Crônica**
Andarilho da luz

18 **Abya Yala**
O jornalismo autóctone caminha

20 **Crônica**
Também temos as “vinhas da ira”

21 **Repertindo saberes**
Plantas que curam o corpo e a alma

24 **Heroínas**
Da primavera dos martírios

26 **Tempo Livre**
Dicas nojentas

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense



Companhia dos Loucos

Cooperativa da palavra
libertária, criadora, caminheira.
Não quer lucro, nem fama.
Sonha derrubar muros que
separam e escondem aqueles
que têm a sua palavra calada,
mutilada, censurada, castrada,
quebrada, torturada, em nome
do lucro, do mercado, da
competição.

Viajeiros da palavra:

- Elaine Tavares
- Eduardo Mustafa Vianna
- Janice Miranda
- Marcela Cornelli
- Miriam Santini de Abreu
- Ricardo Casarini Muzy
- Raquel Moysés
- Paulo Zembruski
- Rosangela Bion de Assis

Jornalista

Elaine Tavares
(MTB/SC 00501-SC)

Endereço eletrônico:

eteia@gmx.net

Projeto gráfico e Editoração

Rosangela Bion de Assis
(MTB/SC 00390-SC)

Agradecimentos:

- A Antônio Carlos da Silva, que fez as ilustrações da capa e da contracapa

Florianópolis - SC

Mulheres e homens da América Latina aparecem plenos de singularidade nesta edição de *Pobres & Nojentas*, que fecha 2006. Em reportagens, crônicas e artigos, eles e elas revelam modos de olhar o mundo, de tocá-lo e experimentá-lo para construir um novo, melhor.

Uma mãe busca justiça para os desaparecidos na ditadura argentina; um homem que ensina através das plantas; um andarilho ten-

ta encontrar “os guerreiros”. E assim, da Argentina, Bolívia, Brasil, desfilam as gentes em textos e em vidas.

Além das assinaturas, a proposta da revista começa a se ancorar na venda em bancas. Já são quatro em Florianópolis e duas em Caxias do Sul (RS). De todas, a mais acolhedora é a banca que funciona na Universidade Federal de Santa Catarina, onde *Pobres & Nojentas* ocupa um lugar de destaque.

A reação que encontramos em algumas bancas foi surpreendente, tal como “não vendemos esse tipo de revista”. Em outras, *P&N* ficava escondida em um fundo de prateleira. Mas isso só estimula outras idéias para divulgar o trabalho. Para 2007, a novidade é uma nova página na internet, que já está em fase de elaboração. Às leitoras e leitores enviamos um abraço que deixe caloroso o ano que finda e o que está para começar!

EDITORIAL

Foto: Rosangela Bion de Assis

CARTAS

Recibí de obsequio el libro “Jornalismo nas margens” y la revista bimestral “Pobres & Nojentas”, la primera trata sobre como hacer periodismo y mostrar la noticia no – oficial a través de diversos medios y el segundo es una publicación que muestra la actividad social de los marginados. Obsequie a Elaine un CD con los videos “Fusil, Metralla, el pueblo no se calla”, una recopilación de videos que explican Octubre de 2003 y una compilación de los noticieros so-

bre los hechos de Huanuni (debo señalar que la mayor parte de las imágenes que recorrieron al mundo, según Carmen Camacho del canal 15 de Huanuni en declaraciones a Erbol, pertenecen a CEA producciones y el Informativo “Línea Recta”), tres textos sobre la situación social en El Alto, fotografías y música folklórica. Espero que este material sea difundido allá en Brasil.

Mario Ronald Duran
Chuquimia, Bolívia



Maria Guilhermina Cunha Salasário,
bibliotecária em Florianópolis, lê *Pobres & Nojentas*



Mãos que tecem solidariedade

Grupo de economia solidária leva esperança a mulheres de comunidades carentes

Por Marcela Cornelli
de Florianópolis

Elas têm luz própria, muita desejo de vencer e, principalmente, criatividade. De uma maneira simples, mas com muita força de vontade, seis mulheres que vivem em comunidades carentes da Grande Florianópolis estão se unindo para transformar sonhos em realidade.

Tudo começou em julho deste ano com algumas doações, idéias e talento para fazer peças de crochê. Na verdade, a história começou um pouquinho antes, desde que cerca de 20 mulheres do bairro Monte Cristo participaram de oficinas práticas de pintura, biscuit, crochê e outras atividades

artesanais oferecidas pela Associação dos Amigos do Centro de Atividades Comunitárias Chico Mendes (Casa Chico Mendes), uma Organização Não-Governamental que atua dentro do bairro, considerado um dos mais pobres e violentos de Florianópolis.

Das 20 mulheres, três guerreiras, Janete, Luciana e Samara, decidiram levar adiante o que aprenderam nas oficinas e, com o apoio das irmãs catequistas franciscanas Luzia Pereira e Mari Hammes, formaram um grupo de economia solidária dentro da Comunidade Novo Horizonte, que conta, no momento, com seis mulheres, moradoras das comunidades de Chico Mendes, Novo Horizonte e Santa Terezinha, três das nove comunidades carentes que formam o bairro Monte Cristo.

Irmã Luzia, 31 anos, desde que seguiu a vida religiosa, dedica seu tempo somar esforços para a transformação da vida de mulheres de comunidades como as do Novo Horizonte. Juntamente com a irmã Mari e educadores e educadoras da Casa Chico Mendes, é uma das idealizadoras do grupo e trabalha na comunidade desde 2000. “A idéia de formarmos um grupo de economia solidária teve como um dos objetivos trazer esperança e perspectivas para as mulheres que estão desempregadas. Trabalhamos diferentemente da lógica do mercado, onde há seleção de pessoas, competição desigual e feroz, que não leva em consideração as diferenças, onde a pessoa é excluída por não estar ‘apta’ a desenvolver determinada função. Aqui não excluimos ninguém, respeitamos as diferenças e limitações de cada uma e trabalhamos em parceria”, explica.

Todas as mulheres que participam do grupo são responsáveis pela produção das peças de crochê, pela organização e venda dos trabalhos. Apesar de elas se reunirem às segundas-feiras à tarde num espaço cedido pelo Centro Comunitário da Novo Horizonte, a maior parte dos trabalhos é realizada em casa, quando as mulheres dividem o tempo no cuidado com a família, marido e filhos, tarefas domésticas e trabalhos fora do lar, para ajudar na renda da família.

“Todas aqui tem voz e vez. Não incentivamos que a que trabalhe e produza mais deva ganhar mais, mas sim que o que elas ganharem na venda das peças seja repartido igualmente para todas. É claro que algumas produzem mais, mas outras se saem melhor na venda ou na organização dos trabalhos. Nossa formação é de uma nova cultura no trabalho, baseada na cooperação e solidariedade, na gestão participativa e democrática. Valorizamos o que cada uma sabe fazer”.

No dia 12 de novembro passado, decididas a divulgar mais os trabalhos, que até então eram vendidos na própria comunidade, elas realizaram a primeira feira fora do bairro, expondo peças como toalhas de mesa, guardanapos, jogos para quarto, cozinha, banheiro, entre outras. A feira foi realizada em frente à igreja da Trindade, em Florianópolis. O lucro da feira e de mais algumas encomendas, trezentos reais, foi repartido de forma igual para todas.

“Até agora não temos um grande retorno financeiro. Mas isso não é o mais importante. Vimos aqui, conversamos sobre nossos problemas, fazemos amizades”, diz Janete Osvaldina Markes, 47 anos, dona de casa. Janete vive com o marido, que é caminhoneiro e está desempregado há cin-



Luciana com a pequena Rafaela, Janete, Irmã Luzia e Samara compartilham experiências de vida e solidariedade

co anos, na comunidade Novo Horizonte, em uma casa construída pela prefeitura. “Eu não tenho mais sonhos pra mim. O que quero é que meu marido consiga um emprego. Nós dois viveríamos bem com trezentos reais. Não precisamos mais do que isso”, diz, desanimada com a situação. Porém, as amigas do grupo emendam: “Ela não é assim desanimada, é uma mulher de fibra, lutadora, ajuda a educar e criar duas sobrinhas e é uma grande força aqui para o grupo”. “É claro que penso em melhorar de vida, comprar móveis novos para minha casa, por isso acredito que aos poucos o nosso trabalho vai crescer cada vez mais”, diz Janete.

A situação de Samara de Camargo Pereira, 34 anos, também moradora da Novo Horizonte, não é tão preocupante quanto a de Janete. O marido trabalha numa empresa do ramo pesqueiro e consegue sustentar a mulher e as duas filhas. “Como não trabalho, tenho mais tempo pra fazer o crochê e quero continuar a me dedicar aos trabalhos no grupo”, diz ela, que é natural da cidade de Lages e veio para Florianópolis tentar a vida, onde acabou casando e formando uma família. Sâmara, que não terminou o primeiro grau, diz que é feliz vivendo na comunidade e que, como Janete, não precisa do luxo para viver bem. “Para as minhas filhas quero um futuro melhor, incentivo muito que elas estudem.” O que mais a entristece é quase nunca poder retornar a Lages para ver a mãe e parte da família que ainda vive lá.

Prima de Samara e também uma lageana que veio para a Capital em busca de melhores condições de vida, Luciana Camargo, 31 anos, mãe da pequena Rafaela de três anos, ao contrário de Janete e Samara, trabalha fora de casa como

merendeira na creche da comunidade. “Trabalho muito e o dinheiro é pouco. Não quero esta vida para sempre. Tenho ambição, sim, de melhorar de vida, de viver num lugar melhor. Quero voltar a estudar e fazer pedagogia. Acredito que esse trabalho possa dar lucro e vou trabalhar para isso, apesar de que, como trabalho na creche, sobra pouco tempo pra fazer as peças, mas me esforço para ajudar o grupo”, conta.

Luciana vive na comunidade vizinha à Novo Horizonte, na Chico Mendes. “Cheguei aqui logo após a ocupação (referindo-se à chegada de famílias carentes ao terreno onde hoje é comunidade Chico Mendes). Eu tinha 15 anos. Não havia esgoto, nem água, nem luz. Minha mãe lutou muito aqui. Eu chorava e queria ir embora, agora não quero mais sair”, relembra, emocionada, principalmente ao falar da mãe, que era o pilar da família e morreu jovem, aos 45 anos. “Depois que minha mãe morreu demorei a me recuperar. Hoje, vir aqui participar do grupo é fundamental, porque mais do que colegas de trabalho somos amigas”.

As dificuldades do dia-a-dia das três mulheres são deixadas de lado quando falam do trabalho, onde compartilham esperanças, vivências, alegrias e tristezas. As três sem dúvida formam o pilar de sustentação do trabalho, que recebe a cada pouco mais mulheres. “O grupo depende de todas nós. Nem uma pode romper a corrente”, afirma Janete.

Irmã Luzia diz, entusiasmada, que o objetivo e vontade de todas é que o grupo de economia solidária se transforme em uma grande cooperativa e se expanda dentro e fora da comunidade, integrando capacidade para isso, essas mulheres têm de sobra.

PROJETO
AMÉRICA
LATINA
PALAVRA
VIVA

Cursos e Oficinas de Espanhol e Inglês

Projetos Especiais

48-3269-8158 / 9622-9128 / 9606-7971 amlapav@gmail.com

A bela que enfrenta a vida fera



A vida bateu muito, mas Marineide não deixa de sorrir

Por Janice Miranda
de Florianópolis

Vendedora de guloseimas, água e refrigerante, como várias outras pessoas no Terminal Cidade de Florianópolis, no Centro da Capital, Marineide poderia passar despercebida pelo olhar desatento de quem passa apressado para o trabalho ou para casa. Mas simplesmente não dá para deixar de notar a linda mulher chamada Marineide de Oliveira Almeida, 38 anos, nascida no pequeno município de Mari, na Paraíba. A beleza e o carisma de Marineide

fazem dela uma daquelas pessoas que ficam na memória. Foi desse “namoro” que veio o desejo de entrevistá-la.

Minha aproximação foi aos poucos. Começou na retribuição diária e sempre carinhosa de sorrisos. Prática que Marineide cultiva em sua rotina diária. “A gente tem que sorrir, senão não dá pra levar a vida, né?”, diz ela, de uma forma tão verdadeira, impossível de duvidar. Mesmo sendo extremamente educada e simpática, não foi fácil convencê-la a me contar sua história. Quando a abordei, me apresentei como

uma jornalista que sentia que ela tinha muito a dizer. Falei sobre a revista *Pobres e Nojentas*, um espaço para se registrar a trajetória de mulheres lutadoras, que não se rendem. Senti a insegurança natural de Marineide, mas continuei insistindo. Dei a ela uma edição da *P&N*, que diz por si só a que veio. No dia seguinte, quando ao lado de Marineide estava sua filha Cleusa, de 15 anos, consegui um tímido sim. Depois descobri que a filha a tinha incentivado.

Marineide foi contando sua histó-



A beleza vinda da descendência indígena é ímpar

ria, de uma maneira quase didática, lembrando datas, sem perder o fio da meada, com uma calma curiosa, que fui entender somente ao final da conversa. Começamos a entrevista com a lembrança da chegada a Florianópolis. Ela veio da cidade do Rio de Janeiro, na véspera do aniversário de dezoito anos, no dia 14 de maio de 1986, trazida pela filha da patroa de sua cunhada, na casa de quem trabalhou como empregada doméstica. Além de fazer a faxina e a comida da família, Marineide acabou cuidando da patroa que se acidentou e ficou viúva, com dois filhos. “Ela fazia meu prato com os restos deles e me botava pra comer na área de serviço, com os cachorros. Nunca passei fome, mas ela não precisava fazer isso comigo”, lembra, envergonhada, com os olhos negros marejados. Agüentou dois meses e depois fugiu daquela casa. Acabou sendo acolhida por um casal de amigos do bairro Floresta, em São José. Essa amiga a colocou num curso de corte e costura. Por um bom tempo Marineide trabalhou como ajudante de costureira.

Grávida, Marineide apanhava. Levava socos e pontapés na barriga.

Dos dois primeiros relacionamentos sérios que teve já em Florianópolis, Marineide diz que a única coisa boa “foram os filhos”. Ainda costurando, ela conheceu o homem com quem viveu. “Não fui morar com ele por amor, mas porque estava sozinha e queria ter alguém, ter segurança”, relata Marineide, a quem a vida ainda daria muita tristeza. Na casa na Barra da Lagoa, em Florianópolis, ela engravidou de seu primeiro filho, Lázaro, que morreu dias depois de nascer. O bebê tinha insuficiência respiratória.

Com os olhos marejados novamente, ela conta que não conseguiu ver o enterro do corpo do filho.

Pouco mais de um ano depois, Marineide ficou grávida de sua filha Cleusa. Durante a gestação ela amargou várias surras. “Eu levava socos, pontapés na barriga. Apanhava feito um cachorro. Foi Deus que segurou ela dentro de mim”, conta, com um nó na garganta. Preocupada por estar sozinha, sem família, sem apoio, sem alguém para lhe orientar, Marineide ficou calada e não denunciou a agressão física.

Cansada de agüentar aquela situação, quando Cleusa tinha um ano e seis meses a vendedora terminou o relacionamento e foi morar no bairro Jardim Zanelato, em São José. Uma amiga conseguiu um emprego para Marineide numa fábrica de móveis escolares. A filha pequenina ficava na casa de uma vizinha. “Eu acordava às quatro da manhã, deixava a Cleusa na vizinha e caminhava até Biguaçu, onde começava a trabalhar às sete”, relembra. Muitas vezes, sem dinheiro para o almoço, ela passava o dia só com o café da manhã que a empresa dava: um copo de café com pão. O efeito do contato com a soda cáustica causava forte ardor nos olhos. “Saía dali quase cega”. Marineide trabalhou na fábrica por uns cinco meses.

Marineide e os filhos sofrem agressões físicas. Decidida, ela foge com as crianças.

Nessa época Marineide conheceu o homem que viria a ser pai de seus dois outros filhos. Nasceram Huallan, hoje com 12 anos e Jéssica, com 10. A filha mais velha e o novo companheiro ti-

nham uma convivência tranqüila. As coisas pareciam estar calmas, inclusive financeiramente. O companheiro era pedreiro e Marineide foi trabalhar em uma padaria, em Florianópolis. Mas quando voltava do expediente, muitas vezes ela encontrava os filhos presos em casa, enquanto ele estava no bar. Dele, Marineide e os três filhos apanharam. “Um dia o Huallan foi pra escola com a marca dos dedos do pai no rosto, porque não fez os deveres”, diz ela. Cleusa rogou à mãe que mudassem de vida. No dia 2 de setembro de 2003, Marineide e os filhos fugiram de casa. Por decisão judicial, os filhos acabaram ficando sob a guarda do pai. “Há quase quatro anos não consigo ver meus dois filhos”, conta, com voz trêmula, mas sem parar de relatar.

Com a ajuda de uma amiga, ela e a filha Cleusa começaram outra fase, sozinhas. Ainda na padaria, Marineide conheceu seu atual companheiro Robério, treze anos mais jovem que ela, revela timidamente. Naquele período, Marineide e a filha viviam no bairro da Tapera, na região Sul da Ilha de Santa Catarina. Apostando, pela primeira vez, no amor, ela foi viver com o companheiro cearense, que acompanhou, zeloso, toda a entrevista. Hoje, Marineide, Cleusa e Robério moram no bairro Caieira do Saco dos Limões, também no sul da Ilha.

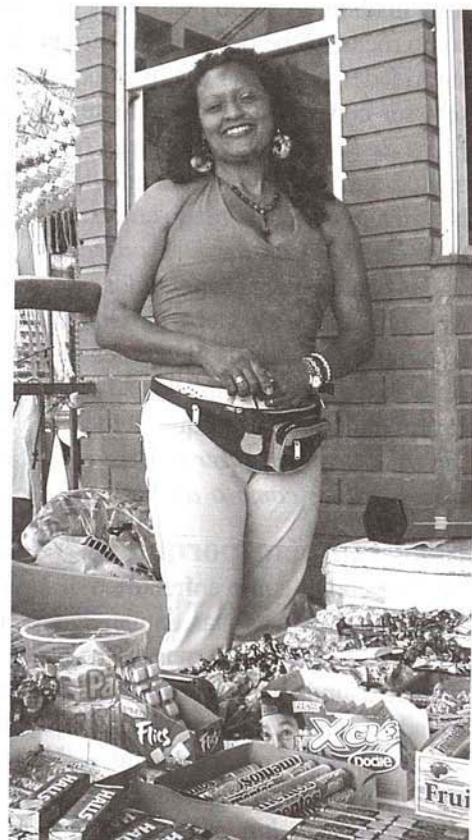
Pela primeira vez, Marineide vive dias de paz. Vendedor no Terminal, Robério convidou a mulher para trabalhar com ele. Ela decidiu pedir demissão da padaria. Hoje, só o guichê da empresa de ônibus Imperatriz separa o casal. Os dois saem de casa juntos pela manhã, descarregam a mercadoria e os balcões

no terminal, Robério estaciona o carro, volta e assim começam cada dia de trabalho.

Diante da dona de uma beleza ímpar, vinda da descendência indígena, pergunto se o assédio masculino já criou alguma situação difícil. Falando baixinho, de novo envergonhada, ela conta que Robério quase chegou às vias de fato com um cliente inconveniente. Na opinião da própria Marineide, a beleza dos cabelos lhe custou caro quando morava no Rio de Janeiro. Aos 11 anos, vinda da pequena Mari, na Paraíba, levada pela mulher de um tio, ela cuidava do filhinho da prima, que lhe batia toda vez que atravava a volta da escola noturna, onde estudou até a quinta série. “Acho que por inveja dos meus cabelos, que eram lisinhos, a minha prima mandou cortar curtinho, que nem menino. Aí, depois, ficou assim”, diz, mostrando com modéstia os cabelos negros de um cacheado natural, perfeito. Vaidosa assumida, ela não dispensa a maquiagem e as bijuterias no trabalho e em casa.

Pergunto se ela tem um sonho. Os olhos brilham e ela confessa sem pensar: “Eu quero é ser feliz”. Ela deseja, ainda, uma casa numa área plana, diferente da que hoje fica num morro e aonde chega depois de subir 160 degraus. Marineide quer também um “carrinho” melhor para levar suas mercadorias ao terminal. Agradeço pela entrevista, peço desculpas por tocar em feridas antigas e aí entendo o porquê da pressa em relatar parte de sua trajetória. “É muito bom a gente falar do passado. Não dá pra esquecer e tocar em frente. A gente só tem força quando sabe o que passou, levanta, resiste e dá a volta por cima, sempre sorrindo”. Valeu. Obrigado mesmo, Marineide.

“É muito bom a gente falar do passado. Não dá pra esquecer e tocar em frente. A gente só tem força quando sabe o que passou, levanta, resiste e dá a volta por cima, sempre sorrindo”.



Marineide feliz no Terminal, seu local de trabalho

Toda quinta-feira elas dão à luz

“Há 30 anos, na Plaza de Mayo, parimos nossos filhos”

Por Raquel Moysés, de Florianópolis

Ela é mãe universal e esparrama sementes com sua palavra poderosa. Sabe ser terna como uma menina e doce como fruta madura no ponto justo. Mas também consegue ser dura como rocha. Hebe de Bonafini carrega um “título” que lhe dá autoridade para entrar em qualquer lugar no mundo, mesmo sem ser convidada. É presidente da *Asociación Madres de Plaza de Mayo* e traz na cabeça o lenço branco reconhecido em todas as partes como o signo de uma história de dor e luta. No triângulo alvo, bordado em letras de cor azul, lê-se: *Aparición con Vida de los Desaparecidos*.

Há gente espalhada por todos os cantos do auditório durante a aula aberta de Hebe na Universidade Federal de Santa Catarina e os olhos da platéia seguem fixados na figura dessa senhora que se aproxima dos 80 anos com a vitalidade de uma jovem mulher. Será porque, como diz ela, *a luta não pode ser um peso, tem que fazer parte da vida*. Porque lutar *tem que trazer prazer, como o ato de comer e o de fazer amor...*

Será também porque essa mãe não tem pudor de contar como enfrentou o despreparo de sair do fogão e do tanque para as ruas, as marchas, acabando por assumir o papel de dirigente de um movimento de mulheres desesperadas. Será ainda porque aprendeu a se comunicar com a humanidade, falando como uma educadora. Uma educadora autodidata, que hoje é reitora da Universidade Popular das Madres de Plaza de Mayo. *Eu nunca havia feito política, pensava que para isso havia vocês, os jovens... Que equivocada estava...! Tive que entender o que era a dívida externa, tive que descobrir que ela destruiu nosso país e outros da*



Fotos: Ricardo Casarini Muzzy

América Latina... E só então percebi que a dívida externa também foi responsável pelo desaparecimento de nossos filhos... A ação exige leitura, pensamento... Por isso é que hoje digo a vocês que é necessário estudar, se formar.

E é com a habilidade de uma educadora, dessas que se comunicam para dentro dos seres, que Hebe conta a luta sem trégua que mães argentinas conduzem, desde 1976, quando a ditadura iniciou o processo de aniquilamento das lideranças juvenis. Daquela data até o início dos anos 80, os militares destroçaram a vida de milhares de famílias, fazendo desaparecer 30 mil militantes, obrigando ao exílio mais de 1,5 milhão de pessoas. Assoladas pelo horror, as mães saíram em busca de seus filhos e filhas, e quando chegavam às portas do poder, quando iam aos cárceres, recebiam a cínica resposta de que não havia qualquer onda de detenção, que não existiam desaparecidos na Argentina. Até as portas das igrejas se fechavam para elas, embora tenha havido, naqueles anos, mais de uma centena de sacerdotes também tragados pelo terror.

Até que, depois de percorrer meses a fio os mesmos lugares em busca de seus filhos, 14 mulheres decidiram entregar uma carta para o ditador de turno. Eram três horas e meia de uma tarde de

quinta-feira, dia 30 de abril de 1977. Desde então, nos últimos 30 anos, as mães não faltaram um só dia a esse compromisso de resistência em frente à Casa Rosada, sede do poder argentino, em Buenos Aires. *Seguimos lutando por justiça e exigindo a prisão para os assassinos de nossos filhos. Não deixamos um minuto sequer de amar nossos filhos e de reivindicar que seja reconhecida sua vida de guerrilheiros e revolucionários.*

Decidimos socializar a maternidade.

Hebe se lembra de quanto foi difícil organizar o movimento das mães. Quando umas 70 mulheres conseguiram se juntar, foram golpeadas pela ditadura, que as fez prisioneiras, queimou suas casas, levou outros de seus filhos e também algumas das mães mais aguerridas, torturadas e atiradas ao rio como suas criaturas. *Depois disso tudo, voltamos a ser “muy poquitas”. Algumas diziam: “você são loucas, vão nos matar todas.” Mas outras de nós não desistimos mesmo sabendo que nossas vidas não alcançariam o tempo necessário para buscar nossos filhos. Os ditadores diziam que os havia levado porque eram terroristas, de famílias terroristas. E algumas mães respondiam: “meu filho não fez nada”. Quão enganadas estavam as que*



diziam assim. Nossos filhos tinham sido levados porque haviam feito tanto!”

Depois daquele novo ataque do terror, as mães tiveram uma súbita inspiração: decidiram socializar a maternidade. A partir daquele momento todos os desaparecidos seriam filhos de todas, e elas todas, as mulheres da Plaza de Mayo, as mães amorosas dos 30 mil. Desde então, o movimento só fez crescer e receber apoio. A primeira casa da *Asociación de Madres de Plaza de Mayo* veio com o dinheiro mandado pelas mulheres holandesas. E as mães entenderam que deviam levantar suas bandeiras não só pelos filhos, mas pela luta social, pela educação, pela saúde, pela comunicação. *Eles não haviam dado sua vida em vão, e nós finalmente descobrimos que havíamos sido paridas por nossos próprios filhos.*

Depois dessa nova toma-

da de consciência, as mães não pararam mais, seus projetos foram se avolumando. Criaram um café literário, um jornal, uma biblioteca, uma videoteca, uma livraria, ocuparam uma rádio e fundaram a Universidade Popular. O dinheiro veio dos “companheiros do rock”, músicos que realizaram vários espetáculos destinados ao projeto das mães, e assim foi comprada uma casa para abrigar 200 estudantes inscritos em cinco cursos.

Isso foi há oito anos, e a Universidade Popular agora soma 1.700 alunos, distribuídos em 11 cursos. Para todos eles, três disciplinas são obrigatórias: Formação Política, Trabalho em Grupo e História das Mães. Os cursos ainda não são reconhecidos, mas, mesmo sem o canudo oficial, muitos conseguem trabalho, pois há empregadores que reconhecem a qualidade da formação recebida na universidade das mães. Uma instituição autônoma, pois suas diretoras, como conta Hebe, não aceitaram subsídio do governo para ampliar a sede. *Só aceitamos um empréstimo. Podemos levar 50 anos, mas vamos pagar.*

A Universidade Popular alastra suas raízes no meio da comunidade. Das cátedras abertas, participam cada vez umas 400 pessoas. Na praça do Congresso Nacional, nos finais de semana, a universidade move a cultura, trazendo,

para o meio do povo, teatro, dança, música, ciclos de cinema. A edição de livros também faz parte do projeto das *madres*. Já são 11 os publicados, levados para feiras em várias partes do mundo. Além disso, a *Asociación Madres de Plaza de Mayo* realiza, sempre no mês de novembro, o Congresso de Saúde Mental e Direitos Humanos, porque as mães – que pintam os 5 mil crachás do evento – entendem que as violações e a violência exigem discussão e ação no campo da sanidade.

Mas os sonhos caminham, e as mães já têm na mira um canal de televisão. Com bom humor, fazendo o gesto de levar uma mão ao olho, Hebe anuncia: *Já temos um em vista para ocupar.* Elas também se envolvem em projetos para construir casas a famílias que vivem nas vilas de emergência. Na Cidade Oculta, na grande Buenos Aires, elas constroem as primeiras 26 confortáveis vivendas, pois é preciso acabar com a idéia de que casa para pobre tem que ser pobre. *É uma vergonha que em países tão ricos como os nossos, os povos sejam tão pobres, e que precise haver um grupo de velhas fazendo tudo isso.*

Para lutar é preciso ser feliz. À frente das mães, Hebe percorre o mundo rompendo a luta individual. Para a Europa, viaja até duas

vezes por mês, mas pensa em reduzir essa rota porque há muito o que fazer em casa. Hoje as *madres* têm entre 75 e 92 anos, muitas já “luarizaram” e suas cinzas foram espargidas na Plaza de todas. Hebe se dá conta de que 30 anos são quase nada para a imensidade do trabalho de formar a juventude. E de não permitir nunca que se esqueça o sacrifício dos 30 mil desaparecidos. *Eles vivem, toda vez que uma mãe luta, peleia. Cada quinta-feira, às 15h30, nós nos encontramos com eles.*

Hebe faz questão de dizer que as mães não choram na praça, porque entendem que chorar faz parte de uma cultura da morte. Enterrar os mortos, como diz, faz parte dessa cultura que considera muito cínica, sinistra, porque há pais e mães que não se preocupam com os filhos, mas que, se eles morrem, enterram-nos luxuosamente, mandam flores. *Chorar pelos meus filhos, não. Eles viveram a vida intensamente, amavam o que faziam e me ensinaram que para lutar é preciso primeiro ser feliz.*

É por isso que as *madres* não aceitam reparação econômica pela perda dos filhos. *A oferta é de 250 mil dólares para cada um, e com três filhos desaparecidos – me resta só uma filha - eu seria uma mãe milionária... Mas não aceitamos qualquer preço por nossos filhos,*

como também não aceitamos homenagens póstumas, nada que tenha a ver com a morte... Eles nos levaram quase tudo, e o que de melhor nos levaram foi a nossa juventude que lutava. Por isso agora lutamos pela vida, e nessa luta somos muito duras, radicais e rebeldes... São 30 anos de luta pela vida, vencendo a morte. Lutamos por eles, que nos deixaram as idéias, a capacidade de entrega, a alegria... Por isso somos felizes, apesar de tudo.

Hebe domina a palavra com firmeza admirável. Para falar de amor e para fazer denúncias em nome do amor. Não usa meias palavras quando lhe perguntam sobre a relação da igreja católica com a ditadura, porém faz justiça aos sacerdotes que não colaboraram com os opressores. *Havia padres que bendiziam a ação dos que atiravam nossos filhos ao mar, diziam que isso era para o bem da pátria. Também não nos permitiam entrar nas igrejas quando éramos perseguidas e até chamavam a polícia para nos levar. Alguns negavam a comunhão às mães católicas, mas davam comunhão aos torturadores. No nosso país, embora haja muitos sacerdotes amigos das mães, a igreja tem muitíssima responsabilidade pelo que se passou.*

Cruzes eu já tenho

demais... Do papa João Paulo II tampouco Hebe tem uma boa recordação. Ela conta que as mães estiveram três vezes com ele. Na primeira, o papa se negou a abrir a mão para receber a foto de uma mãe desaparecida. Na segunda, em Porto Alegre, em 1980, disse que havia desaparecidos com vida, que eles iriam aparecer. Na terceira, em Roma, em 1983, quando foi perguntado sobre porque nenhum desaparecido havia aparecido, disse que não pedissem mais nada a ele, e ofereceu um crucifixo a Hebe. Ela não o aceitou e apenas lhe disse: *cruzes eu já tenho demais, pode ficar com essa.*

Um gesto como esse também é resistência, que Hebe define, a pedido de uma moça: *é caminhar 24 horas sem parar, mesmo sendo golpeadas... 70 mães rodeadas por 300 policiais... Resistência é ficar presa em uma cela com um morto que não se sabe filho de quem é... É irem todas juntas para a prisão quando uma é aprisionada, e ficar rezando o rosário e cantando hinos sem parar, essas duas coisas de que todo policial tem medo... Resistência é marchar sem bandeiras de partidos, sem discursos, em silêncio.*

Na figura frágil dessa mulher transparece uma fortaleza que escapa às palavras. Por trás das grossas lentes do par de óculos grandes, avis-

ta-se um olhar no qual se lê determinação absoluta e uma infinita ternura. E o que dá força a essa mãe universal é a certeza de que os jovens são rebeldes e engenhosos. *Na América Latina as ditaduras foram responsáveis pela política ter se tornado uma má palavra. E o que realmente falta é acreditar na juventude, não usar a juventude. Por isso, eu sempre repito, temos que ensinar nossos filhos primeiro a dizer “não”, e só depois a dizer “papai” e “mamãe”.*

E por acreditar nos jovens é que Hebe de Bonafini não teme pelo futuro da *Asociación Madres de Plaza de Maio*. É por confiar tanto neles que ela não tem medo pelo destino da Universidade Popular e todos os trabalhos que dela derivam. É por se fiar tanto neles, que essa mãe acredita que os seus filhos desaparecidos vão continuar sempre nascendo toda quinta-feira, às três e meia da tarde, em frente à Casa Rosa-da. É por amar tanto essa jovem humanidade que ela segue pelas estradas do mundo, com seu passo leve e sua voz de profeta, anunciando a esperança. *Estou convencida de que quando a última de nós se for, eles, os jovens, seguirão no nosso lugar.*



“Chorar pelos meus filhos, não. Eles viveram a vida intensamente, amavam o que faziam e me ensinaram que para lutar é preciso primeiro ser feliz.”

(Para ler a versão completa do texto acesse www.ola.cse.ufsc.br)



Por Moacir Loth

OS OS DO OFÍCIO

Perguntinha indiscreta

A “tirinha” da Aline, na *Folha de S. Paulo*, apresenta um diálogo travado, provavelmente, em Brasília: - O senhor trabalha em quê?, pergunta a garota de programa. “Eu sou deputado”, responde. - Vou tirar você dessa vida!, promete a moça.

Dicas nojentas

Quatro títulos incluídos no Catálogo dos 25 anos da Editora da UFSC podem interessar diretamente aos leitores de *Pobres & Nojentas*: *Um é Saúde da mulher – Um desafio em construção*; *Gênero e contracção – Uma perspectiva sociológica*; *Linguagem e gênero no trabalho, na mídia e em outros contextos*; e *Saberes de gênero entre o local e o global*. Vale conferir ainda, no contexto das bodas de prata, o jornal especial *Leitura & Prazer*, editado por este pobre e nojento colunista.

Esperança

Como Lula prometeu fazer um novo “governo para os pobres”, renovam-se as esperanças do funcionalismo público que empobreceu “pacas” na última década...

Morrer de velho

Uma nova reforma da Previdência deve aumentar ainda mais a expectativa de vida. É que o brasileiro não vai querer morrer antes de se aposentar... Já se fala em 90 anos!

Uma mulher de um milhão de dólares

A *Family Foundation* concedeu prêmio de US\$ 1 milhão para Zilda Arns Neumann, irmã de Dom Paulo Evaristo Arns, pelo serviço que faz através da Pastoral da Criança. Zilda investirá prioritariamente o dinheiro na África, onde, aliás, já atua em parceria com a Unicef.

O Repórter

Ex-repórter da revista *Realidade*, símbolo vivo do *Novo Jornalismo* no Brasil e há mais de duas décadas marca do programa *Globo Rural*, o consagrado jornalista José Hamilton Ribeiro acaba de receber uma homenagem em SC que pode significar mais do que o prêmio recém-conquistado nos EUA. As “nojentinhas” Ludmila Gadotti e Sarah Castro concluíram o curso de Jornalismo na UFSC com a apresentação do documentário “*José Hamilton Ribeiro – o Repórter*”.

A lógica do sofrimento.

Do jornalista Mário Sérgio Conti: “A crueldade com o favelado tem razão de ser. Foi Nietzsche quem disse que aquele que cai deve ser empurrado. A vítima mais fraca é a que deve ser sofrer mais. Como os fracos não têm como escapar do sofrimento, que sofram mais. Devem ser reduzidos à inumanidade para que não incomodem os que têm meios de ser humanos”. Parece a crônica de Jesus de Nazaré!

Roteiro de férias

Passagens ao Iraque estão bem em conta. Até porque é bem possível economizar a volta!

Desclassificados

A Inglaterra demonstrou claro interesse em comprar a Amazônia para “fins de preservação”. É no que dá aquela “idéia de jerico” do Governo Lula de alugar florestas para exploração privada!

Cem anos de Santos Dumont

Que tal dar férias coletivas aos controladores de vôo? Já imaginaram engarrafamento no céu?

Depressão exige tratamento

Mais freqüente nas mulheres, doença pode atingir cerca de 20% delas em algum momento da vida

Por Amberson Vieira de Assis
Cardiologista, de Florianópolis

Quantas mulheres buscam nos consultórios médicos respostas para seus sintomas de desânimo, falta de apetite sexual, irritabilidade, choro fácil, dentre outros e boa parte delas não têm a exata percepção do que representa esse quadro chegando a acreditar possuem algum tipo de doença física, quando na verdade trata-se de um quadro de depressão. Mas afinal de contas, que doença é essa? O que motiva essa estranha e persistente sensação “de sentir-se triste”?

A depressão, embora atinja ambos os sexos, é uma doença com uma incidência maior nas mulheres. É caracterizada por vários tipos de sintomas que resumidamente descrevemos como:

- Sentimentos de tristeza que não passa;
- Falta de interesse em

geral, pelo trabalho ou lazer;

- Perda de energia e sentimentos de pessimismo;
- Ansiedade e desespero, sem causa aparente, sentimentos de culpa;
- Crises de choro;
- Irritabilidade e distúrbios do sono (excesso ou insônia);
- Dificuldades de concentração e para lidar com os relacionamentos afetivos, com tendência ao isolamento.

A intensidade dos sintomas e sua forma de apresentação vai variar bastante, sendo que em alguns casos o quadro será completo e em outros aparecerão apenas alguns dos elementos citados.

Sendo mais freqüente nas mulheres, a depressão pode atingir cerca de 20% delas em algum momento da vida. Quadros depressivos

aparecem mais freqüentemente pela primeira vez no fim da adolescência e início da idade adulta, no entanto, podem ocorrer em todas as faixas etárias, da infância à terceira idade. As causas da depressão não estão totalmente estabelecidas, mas acredita-se que fatores familiares, ambientais e genéticos estão envolvidos promovendo reduções de “hormônios cerebrais” que são associados a sensações de bem-estar, prazer e felicidade.

Circunstâncias relativas ao dia a dia e certas doenças agudas ou crônicas também podem estar presentes causando ou agravando os sintomas, como por exemplo: menopausa, doenças da tireóide, período pós-parto, período pré-menstrual, situações de perda e estresse.

A depressão é diferente da tristeza comum pois cos-

A depressão é diferente da tristeza comum pois costuma ter duração maior e inunda a vida da pessoa como um todo. A tristeza passageira está quase sempre associada a algum problema que costuma desaparecer em pouco tempo



tuma ter duração maior e inunda a vida da pessoa como um todo. A tristeza passageira está quase sempre associada a algum problema que, embora possa ser importante ou preocupante, costuma desaparecer em pouco tempo, na medida em que ele é superado.

A depressão pode ser leve mas, nos casos mais graves, ocorrem pensamentos negativos, sensação de fracasso, de incapacidade, sentimentos de culpa, chegando até a idéias de suicídio, que pode acabar ocorrendo em casos extremos.

O primeiro passo para livrar-se dela é reconhecer que há o problema e admitir a possibilidade de estar doente. Sim, porque depressão é doença de verdade, e precisa ser adequadamente tratada. A seguir deve-se procurar um médico que analisará o caso e definirá a ne-

cessidade ou não de encaminhamento a um profissional especializado, psiquiatra ou neurologista, que podem fazer um diagnóstico ainda mais preciso do quadro depressivo, sua gravidade e a melhor forma de tratá-lo. Estabelecido o diagnóstico será iniciado o tratamento, que varia de acordo com o caso e pode incluir psicoterapia e/ou medicações associadas ou não a tratamentos alternativos.

A melhora da depressão vai ocorrendo gradualmente: em geral a pessoa volta a se sentir "normal" somente após cerca de 3 a 4 meses de tratamento. Mesmo após esse período, é importante mantê-lo por mais alguns meses, para evitar que haja uma recaída.

Nos casos mais graves de depressão, quando a pessoa manifesta idéias de suicídio, é fundamental um acompanhamento intensivo no período inicial do trata-

mento com os antidepressivos, pois os diferentes sintomas da depressão não melhoram com a mesma rapidez: ânimo e vontade melhoram mais depressa, tristeza e idéias de suicídio são as últimas a melhorar, daí o risco de que a pessoa no início do tratamento venha a reunir forças

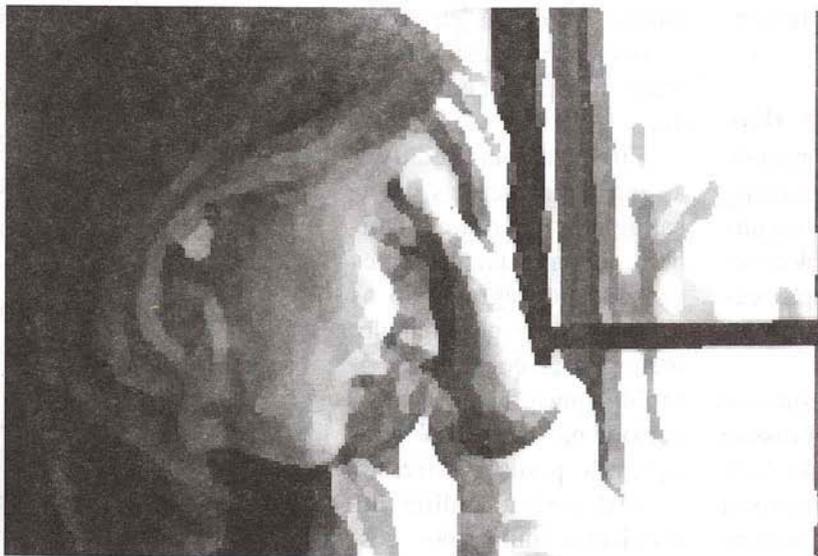
para tentar o suicídio.

Além do tratamento medicamentoso, o apoio psicoterápico é importante para ajudar a pessoa a lidar melhor com as dificuldades pessoais, que podem ser precipitantes de depressão. Nos casos em que os fatores psicológicos e sociais têm um peso importante na origem da depressão, a psicoterapia é fundamental, pois ajudará a mulher a planejar saídas para as dificuldades trazidas pelo período de vida em que ela se encontra.

É importante seguir o tratamento corre-

to, que pode levar vários meses, e não fixar-se na idéia de que o tratamento medicamentoso provoca dependência. Essa preocupação pode levar ao abandono do tratamento antes do tempo e reduzir suas chances de sucesso. Caso a pessoa sinta efeitos colaterais dos remédios - sonolência, boca seca, tonturas, dentre outros, que ocorrem com mais freqüência no início, deve conversar sobre eles com um médico que, na maioria das vezes, conseguirá aliviá-los, mediante alterações nas doses ou trocando por outro medicamento.

Assim, ao ler esse texto reflita se você tem tido algum desses sintomas. Caso positivo, atenção, você pode estar sofrendo de depressão.



Andarilho da luz

Por Míriam Santini
de Abreu
de Florianópolis

- Boa tarde! Como vai? Viu o Clayton?

Era geralmente com esta saudação que o seu Geraldo aparecia na sala do sindicato onde eu trabalhava no campus da Universidade Federal de Santa Catarina, a UFSC. Eu nunca soube quem era o Clayton. Mas incitava a conversa:

- Teve uns problemas! Agora vai bem.

E o seu Geraldo continuava:

- E como vai a Saleta? Soube de fulano? E como vai sicrano?

E assim fâmos, os dois, conversando sobre pessoas de quem eu não ouvira falar. Nem mesmo desse homem, que volta e meia me visitava, tenho a certeza da identidade. Era a forma como ele respondia quando eu perguntava o seu nome... A resposta não era segura; às vezes, nem vinha. Ele me fitava com aqueles olhos azuis lá no fundo das órbitas, deixando ainda mais magro o rosto comprido, e respondia: Geraldo. Ou não respondia, e engatava outro rumo para a conversa.

Conhecidos dizem que seu Geraldo mora no Saco dos Limões, um bairro da capital próximo da universidade. Pode ser. Em

“Eu vô-lo digo: é preciso ter um caos dentro de si para dar à luz uma estrela cintilante”

Nietzsche

sua andança diária, ele sempre atravessa o campus da UFSC. Um dia desses cruzei com ele no Corredor das Casuarinas, as árvores enfileiradas ao lado dos prédios das engenharias. Calças ajustadas na cintura por uma corda, tênis velho e sujo, seu Geraldo caminhava com passos seguros e rápidos, apoiado num cajado:

- Para que isso, seu Geraldo?

- Para espantar os lobos! Você não vê? Estão por toda parte.

Sorri ao compreender que ele se referia aos cachorros andarilhos da capital catarinense.

Seu Geraldo é um homem de luz e de movimento. Um mistério que perdurou durante algum tempo no sindicato envolvia os ventiladores de teto do auditório. Era comum algum funcionário passar por ali e encontrar os quatro ligados em velocidade máxima, mesmo nos dias mais frescos. Pois houve uma tarde em que o seu Geraldo acabara de sair de minha sala e o flagrei apertando todos os interruptores que fazem o equipamento funcionar. Ligou e saiu!

Acho que minha miopia de

alto grau me faz intolerante a excesso de luz, principalmente para trabalhar. Lá no sindicato, as cortinas ficavam sempre cerradas, com uma ou duas janelas abertas. Pois a primeira coisa que o seu Geraldo fazia era afastar as cortinas com volúpia, descerrar as janelas e, com expressão séria diante do meu espanto impotente, recomendar:

- Você precisa de luz!

Num dia de chuva fina, apareceu com uma de suas camisas surradas coberta por uma sacola de supermercado com o fundo aberto, as alças presas aos braços, toda molhada. Uma capa improvisada. E no final das visitas, ele geralmente pedia uma pasta, onde colocava folhetos em geral recolhidos em setores da universidade, e umas “pratinhas”.

Pena que nunca fui capaz de compreender o sentido de muitas das conversas de seu Geraldo. Tudo nele, a voz, o rosto, as palavras, tinham algo inquietantemente profético. Numa andança minha que cruzou com a dele, fora do ambiente de trabalho, ele mal me olhou:

- Seu Geraldo! Que pressa!

Vai aonde?

- Vou encontrar os guerrilheiros. Eles estão amotinados! – respondeu, voltando o rosto e acelerando o passo.

Mas nos entendíamos. Certa tarde, no sindicato, tivemos uma breve conversa sobre a saúde do Clayton, enquanto as cortinas eram abertas com um quase furor. De repente, ele me olhou, sorriu e disse, já para fechar a porta:

- Você é uma estrela. Eu sou outra. Nós somos alguma coisa, né?

Faz tempo que não o vejo. Talvez esteja com os guerrilheiros.



“Ah, o mendigo!
No verão foi visto só
com a terra e o céu”

Kikaku

O jornalismo autóctone na TV

Por Elaine Tavares, de Florianópolis

Numa das esquinas da Praça Murillo, em La Paz, Bolívia, se aglomeram os jornalistas. Eles ficam por ali o dia todo, esperando sair alguma autoridade, algum deputado ou senador. A esquina estratégica fica entre o Congresso e o palácio presidencial. A cobertura dentro dos prédios geralmente só acontece se há alguma “conferencia de prensa”. No mais das vezes, eles fazem campana naquele pequeno espaço. De repente, aponta o vice-presidente Álvaro Garcia Linera. Correria geral. O grupo coeso sai da frente do Congresso e se posiciona em frente ao palá-

cio. Álvaro pára, responde a todas as perguntas e segue seu caminho rumo ao carro. Naqueles dias, o país vive a efervescência do fechamento dos contratos com as petroleiras, que devolvem a soberania do gás à Bolívia.

Entre os repórteres, a estética é muito semelhante a dos brasileiros. Os homens vestem ternos bem ta-

lhados – inclusive os da mídia escrita e falada – e as mulheres seguem a lógica dos “tailleurs” em tom pastel, tão comuns entre as tele-

jornalistas do mundo todo. Na verdade, nada mais são do que cópias de uma estética colonizada, ditada desde os estúdios da CNN, em Atlanta, nos Estados Unidos. Cabelos escovados e rostos bem maquiados tal e qual as apresentadoras dos jornais tupiniquins.

Então, no meio da pequena turba de iguais, uma mulher brilha em sol maior. É Julia Cusi, uma jovem aymara de 24 anos. Nascida na Província de Ingabi, próximo a La Paz, ela cresceu na rebelde e insurgente cidade de El Alto, onde vive até hoje. Lá, trabalha como tele-jornalista no canal 51, uma emissora ligada à igreja católica. Ela é repórter há dois anos e também produz e apresenta um programa só seu, voltado para a área rural.

Julia não faz escova, não usa maquiagem e tampouco se veste com os tradicionais *tailleurs*. Ela ostenta, orgulhosa, as roupas típicas das mulheres originárias. Saia bem rodada, o xale colorido, e o chapéu preto sob o cabelo trançado. Um pouco tímida, conta que logo que começou a fazer reportagem de rua sentia um pouco discriminada pelos colegas, que pareciam não compreender porque ela insistia em ser ela mesma: uma mulher aymara, carregada de todos os seus signos culturais. “Mas isso foi só no começo. Depois, o



Fotos: Elaine Tavares

pessoal acostumou. O que importa é o trabalho que eu faço e não a maneira como me visto. Eu não reparo na roupa que usam, então não há porque repararem na minha”.

Júlia fez a faculdade de Comunicação Social na Universidad Mayor de San Andrés e também lá viveu um pouco o desconforto da discriminação. Mas, assim como agora, exercendo o jornalismo, venceu o mal-estar e seguiu seu caminho. Ela, na verdade, representa esse levante originário que se percebe em toda a Bolívia. Um desejo de mostrar, sem medo, os elementos da cultura ancestral até então vista como uma coisa menor, de segunda categoria. O povo originário, na Bolívia e em quase toda a espinha dorsal andina, já superou essa fase de uma inferioridade imposta pelo conquistador. Já sabe que nada há a dever ao povo branco, descendente de Espanha. Tem orgulho de sua raiz quéchua, aymara, guarani.

A jovem jornalista da cidade de El Alto é uma exceção nos meios de comunicação do país. Ainda está confinada num canal privado, via cabo. Nos canais abertos, os tradicionais, ainda não se vêem repórteres vestidos como um representante do povo originário. Tudo segue a lógica do jornalismo colonizado, na estética da CNN. Normalmente, os espaços reservados aos autóctones são os folclóricos programas de culinária típica. Apenas na RTP (Rede de Televisão Popular), um canal aberto, tem um espaço para os temas originários. Mas é um programa específico, ou seja, segue prisioneiro do gueto.

Fernando Huanacuni e Olga Huayhua são os que comandam o Taypi Uta (que significa lugar de encontro na língua aymara), programa que está no ar há um ano. No espaço de uma hora, são tratados vários temas de interesse dos povos originários. “Nossa intenção é, não só reforçar a presença física do indígena na televisão, mas trazer à luz aspectos importantes da nossa cultura”, diz Fernando. Ele não esconde o fato de que ainda há muito preconceito com relação ao programa. Um dos exemplos é o próprio horário, das 5h45min até às 6h45min. Logo em seguida vem o noticiário, este sim considerado nobre. “O fato que ninguém pode ignorar é que, até 1992, a nossa cultura estava invisível. Era considerada inferior. Agora, com Evo Morales na presidência, as coisas estão mudando. O nosso progra-



ma é pioneiro nos canais abertos, mas creio que isso tende a crescer. Os indígenas hoje ocupam ministérios, são deputados, senadores. Não há razão para não estarmos também na TV, e do nosso jeito”.

Olga e Fernando acreditam que a Bolívia vive um novo tempo. É o pachakuti, o ciclo mítico de revolução cultuado pelas culturas aymara e quéchua. “Na nossa cultura há um mito que diz que a cada 500 anos acontece um giro, um retorno. Estamos vivendo isso agora. Não creio que seja para superar a cultura branca, mas para que a nossa seja reconhecida”. E assim é. Aos poucos, o rosto originário da América vai fazendo frente ao modelito colonizado e importado dos Estados Unidos. Mas ainda há muito caminho para andar. Nem mesmo a Telesur, que é a rede criada na Venezuela para integrar Abya Yala, conseguiu se desligar da estética inspirada em Atlanta. Enquanto isso, voeja pelas cabeças pensantes o grito do velho educador de Bolívar, Simón Rodríguez. “A América precisa ser original. Ou inventamos ou morremos!” Um dia, quem sabe!...

Também temos “as vinhas da ira”

Ninguém sabe seus nomes mas eles existem, são reais

Por Urda Alice Klueger
de Blumenau

Chove, hoje. Fico pensando onde eles estarão. Apesar de não ter viajado, ultimamente, sempre acabo andando um pouco por aí: vou a Itajaí, a Joinville, fui a Jaguaruna, todas as semanas vou até Florianópolis. Como podem ver, não tenho saído do Estado, mas não se precisa ir longe para encontrá-los: em todas as rotas eles estão, esses homens magros, barbados, cabelos por cortar, carregando na sua viagem o pouco ou o nada que têm. Eles andam a pé de uma cidade para outra, sujos e desgrenhados. Ninguém pensa em dar nem eles pensam em pedir carona, coisa que foi tão comum nos tempos da minha juventude, nos tempos em que a filosofia hippie tinha explodido pelo mundo, e andar de carona era a coisa mais natural possível.

A estes homens, ninguém dá carona, e, como já disse, nem eles se atrevem a pedir. Vão à pé – uns muito raros empurram ou puxam um carrinho com alguns miseráveis trastes – a maioria leva muito menos: coisas envolvidas num

cobertor, ou uma ou duas sacolas de plástico onde ainda cabe o seu tanto de esperança. É o que lhes resta. E a cada um que encontro eu fico pensando atrás de que esperança que vão – por que estão indo para outra cidade? Há quilômetros e quilômetros vazios entre uma cidade e outra – será que pensaram em levar água, alguma coisa de comer? Onde dormirão quando a noite chega sem que a outra cidade chegue? E onde se abrigarão em dias de chuva, como hoje?

O fato é que há homens sem nada andando pelas beiras das estradas onde passam, velozmente, os carros importados, de luxo. Sempre são homens, nunca são mulheres. As mulheres deles ficaram em algum lugar, porque de certo têm crianças, e há que sobreviver nos tais lugares, e alimentar as crianças. Talvez sejam humilhadas em empregos sem dignidade. Talvez tenham que fazer coisas piores. Já não têm seus homens para protegê-las. E os homens já não têm nada. E caminham entre uma cidade e outra. E quando os vejo chegando perto de Blumenau, penso que talvez venham porque um certo padre,

aqui, organizou cozinhas comunitárias para homens assim, onde é certo pelo menos, o prato de comida. Mas eles não andam só nesta direção. Andam em todas as direções. E estão sujos. E estão magros. E são homens.

Dentro deles vivem coisas iguais às que eu sinto, às que você sente: eles sonham com um futuro melhor, eles se lembram de um passado em algum lugar, eles têm saudade dos que já não sabem mais aonde estão, eles têm necessidade de amor, de banho, de carinho, de comida. Imagino que, quando anoitece, dormem sob a proteção de pontos de ônibus que existem ao longo das rodovias – que pensarão dentro da sua solidão ladeada pelas luzes velozes dos carros de luxo? Provavelmente, sentirão fome; certamente, sentirão a falta de alguma mulher, sentirão desejos aos quais já não têm direito, porque um monstro chamado Capitalismo os castrou de alma e de corpo e os tornou escória, lhes tirou todos os direitos além do direito de serem desprezados.

Alguém de vocês que passa pelas rodovias nos seus carros de

luxo ou não já se perguntou quem são aqueles homens sem mulher e sem bagagem que caminham em todas as direções, bem aqui no dito rico (?) e sem problemas estado de Santa Catarina? Alguém já parou e lhes perguntou os nomes, ou de onde eram, ou se queriam alguma coisa? Aposto que não. A polícia deve pará-los, às vezes, com certeza, para se certificar que não são bandidos. Eles já não têm forças nem energia para serem bandidos. Talvez já não consigam mais nem roubar um pão, o que seria justo para quem têm fome.

E revistas e jornais ficam falando maravilhas de Santa Catarina, dizendo que é o próprio paraíso terrestre. E muitos catarinenses estão convencidos de que o mundo gira em torno do seu umbigo. Mas os homens sem nada continuam caminhando. Em todas as direções. E não poderão continuar caminhando sempre. Um dia eles acabarão fazendo valer os seus direitos de seres humanos. Por enquanto, ninguém se importa. Mas neste dia de chuva, estou aqui, preocupada a respeito deles. Onde se esconderão em dias assim?



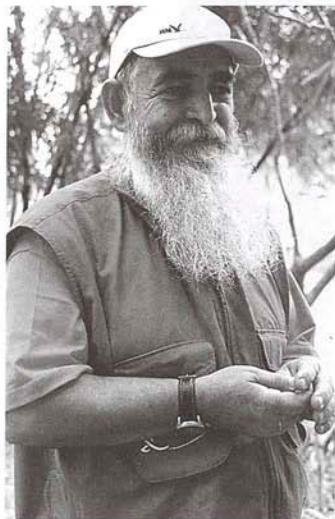
Plantas que curam o corpo e a alma

Alesio recebe visita de estudantes da universidade no seu jardim

Alesio compartilha conhecimento sobre ervas medicinais no projeto Farmácia Viva Itinerante

Por Marcela Cornelli, de Florianópolis

As ervas são usadas há milhares de anos para curar o corpo, para rituais de magia, para o encontro com o sagrado, com os deuses. São usadas em chás que acalmam e consolam a alma, em bebidas alucinógenas, enteógenas, que expandem a consciência, em forma de infusão ou como pomadas que cicatrizam as feridas do corpo. A natureza sempre ofereceu, de graça, o poder da cura para muitos males. Mas nem sempre sabemos como utilizar corretamente o que ela nos oferece.



“No mundo existem duas famílias. Uma da qual fazem parte pessoas que vivem em comunhão com a natureza e que acreditam que é possível transformar o mundo. Eu pertencço a essa família. A outra família são os que nos vêem como loucos”.

Com o objetivo de ensinar crianças, jovens, adultos e idosos a amarem e cuidarem da natureza e mostrar tudo o que de maravilhoso ela pode dar, um homem simples, filho de pescadores, leva sua sabedoria, adquirida de forma autodidata, para toda parte onde é chamado a expor seu conhecimento.

Manezinho, como são chamados os nativos da ilha, Alesio dos Passos Santos mora na Lagoa da Conceição, em Florianópolis, bairro onde nasceu. Vive cercado pelas quatro mulheres de sua vida, forma como se refere à companheira Cléa e às três filhas, e por um exuberante jardim de plantas medicinais. Tem, no quintal de casa, um jardim precioso cultivado há 20 anos, uma verdadeira farmácia viva, com cerca de 500 espécies de plantas medicinais.

Formado em estudos sociais com especialização em educação ambiental, Alesio sempre teve interesse pelas plantas. “Desde pequeno tive contato com a natureza e o amor pelas plantas aflorava cada vez mais. Ficava observando-as, vendo-as crescer”. Conhecimento adquirido de forma autodidata com muita leitura, pesquisa e participação em cursos pelo Brasil afóra. Há cinco anos esse conhecimento transpôs as fronteiras do jardim de Alesio e passou a ser levado, através do projeto que ele chama de *Farmácia Viva Itinerante*,

para a população, não só de Florianópolis, de Santa Catarina, mas também para outros estados. Alesio faz palestras em universidades, nas ruas, praças e espaços públicos. “Até em um shopping já montei minha farmácia viva. Onde me chamam, vou com meus sacos de plantas. Não cobro nada. Nunca vendi uma planta. Se é preciso compro mudas para distribuir, mas vender, isso nunca”, diz, convicto da grandeza de sua missão.

“Meu objetivo é educar, e nunca medicar.

Muitas pessoas me procuram em casa com diversas enfermidades. Eu informo o nome das plantas e para quê elas servem. Até artigos na internet eu procuro e repasso a quem me procura, porém sempre digo para elas buscarem um médico. As ervas podem ser usadas na prevenção e na cura, em forma de remédios e na alimentação, mas sei que para isso é necessário que a população saiba como usá-las corretamente, desde a dosagem certa até saber como elas interagem com outros medicamentos e plantas”, alerta Alesio. “Eu defendo a disseminação do conhecimento do uso das plantas medicinais de forma ampla e segura para a população, através de pessoas devidamente capacitadas, agentes de saúde, que poderiam atuar junto às co-

munidades, nos bairros, nos postos de saúde”, completa.

No Brasil, observa Alesio, as políticas públicas para o uso correto das plantas medicinais pela população ainda são tímidas: “Muitos médicos se formam nos cursos de medicina sem terem um conhecimento maior sobre as plantas, e a população muitas vezes acaba usando as plantas de forma incorreta pela falta de conhecimento”. Para ele, a sociedade moderna está, aos poucos, voltando-se para a medicina natural. Na Alemanha, por exemplo, as pesquisas com plantas medicinais já estão bem avançadas.

Na China, os remédios de ervas sempre foram usados pela medicina tradicional. O livro de ervas mais antigo do mundo do qual se tem conhecimento é o chinês Pen Tsao, escrito pelo imperador Shen Nung (2737-2697 a.C.). Nele estão registrados mais de 300 preparados com ervas medicinais.

“No Brasil, as pesquisas sobre as plantas medicinais são poucas. Outra preocupação que o país não tem é a de preservar as espécies e estudá-las. Muitos pesquisadores de outros países vêm aqui e levam as plantas, que são patenteadas lá fora.” Ele lembra também que o Ministério da Saúde editou a Portaria 971, de 3 de maio de 2006, que aprova o uso da medicina alternativa, incluindo o uso de plantas medicinais, no Siste-

ma Único de Saúde. “Isso já é um avanço, porém muitas plantas vão desaparecer sem que sejam conhecidas pelo homem. Só projetos de educação ambiental, principalmente voltados para as crianças, podem fazer com que o homem aprenda a amar e preservar a natureza.”

As crianças são um dos focos principais das palestras de Alesio. “Trabalho com os cinco sentidos. Além de mostrar a planta viva, deixo elas tocarem, cheirarem e mastigarem as folhas ou raízes. Isso ajuda muito no aprendizado.” Muitos professores universitários, pesquisadores e até mesmo empresas de cosméticos procuram a sabedoria deste homem humilde, que perdeu o pai ainda jovem e teve que buscar na pesca o sustento da família. Além das palestras, Alesio ainda acha tempo para organizar, na comunidade, caminhadas em trilhas ecológicas e participa ativamente do grupo de moradores e ativistas ecológicos que lutam para preservar uma das mais encantadoras paisagens da ilha, a Lagoa da Conceição.

Mas é quando fala do jardim que seus olhos brilham mais. Ali encontram-se plantas e ervas das mais comuns, usadas pelas nossas mães e avós, como o capim-limão e a erva-cidreira, usadas como calmante e digestivas; a tansagem, usada como antiinflamatório e para dor de gargan-

ta; a erva-baleeira - denominada, acredita-se, por ser encontrada com abundância em áreas litorâneas - e também conhecida como maria-milagrosa, usada para artrite e artrose; a calêndula, cicatrizante; a centelha asiática, usada no composto de cremes para varizes e estrias, a alfavaca anisada, usada para cólicas menstruais, como também plantas raras e exóticas vindas de outros países, até plantas da família das psicótrias, usadas em pesquisas por terem efeito sobre o sistema nervoso central.

Entre tantas espécies,

Alesio tem um carinho especial por uma, a Ginkgo Biloba, um dos fitoterápicos mais populares em todo o mundo, usado na medicina chinesa há mais de 4 mil anos. Sua utilização facilita o fluxo sanguíneo em todo o corpo, especialmente no cérebro, recupera a memória e a função mental, regula batimentos cardíacos e alivia as dores nas pernas. Uma das curiosidades sobre a Ginkgo Biloba é que ela foi a única espécie vegetal que resistiu a uma das mais cruéis ações do ser humano, a bomba atômica de Hiroshima, lançada pelos Estados Unidos em agosto de 1945, no final da Segunda Guerra Mundial.

Mas não é só a Ginkgo Biloba que tem uma história curiosa. Alesio conta que a planta popularmente chamada de “bem-casada” recebeu tal

nome porque a flor tem várias “saias”. Na visão dos antigos moradores da ilha, a mulher com várias saias estaria bem protegida e casaria bem. A planta era usada em forma de “cigarrinhos” que os nativos fumavam para a asma. Entretanto, podia provocar efeitos alucinógenos.

Histórias do uso de plantas na ilha são muitas e Alesio, pacientemente, as conta a todos que visitam sua casa, de estudantes a pesquisadores. Para ele, a utilização correta de plantas medicinais pode diminuir o uso de medicamentos e, mais do que isso, pode ser uma alternativa a medicamentos caros e de difícil acesso para a população. “Se não acreditamos que é possível mudar o mundo, qual é nossa missão aqui?”, questiona Alesio, enquanto segue levando a todos um de seus mais importantes ensinamentos: “Na natureza encontramos tudo o que precisamos para viver bem e melhor”.

Alesio mostra a planta conhecida como Cipó-Mil-Homens ou Cipó Milome, uma entre tantas curiosidades do seu jardim



Da primavera dos martírios

A história de Claudia Falcone

Por Raul Fitipaldi, de Florianópolis

Em 1999, na Praça XV do Centro de Florianópolis, quando os estudantes secundaristas corriam da polícia que regava iracúndia esvaziando tropegamente suas “armas de dissuasão”, lembrei-me de Claudia. Depois, mais intensamente, reapareceu-me a jovem *platen-se* na primeira grande mobilização do MPL – Movimento Passe Livre, nesta Desterro, desde a Novembrada sempre pacífica, sempre guerreira. Voltou-me quando Flora, Marcelo e o Poeta foram presos na maior mobilização que vivenciamos pelo direito de ir e vir, de estudar e trabalhar, de ser livres, queiram as empresas de transporte ou não.

Conheci Claudia em 1986, quando tinha a cara de Vita Escardó (atriz argentina que representou Claudia Falcone no filme *A Noite dos Lápis*). Nunca chorei, nunca gritei, nunca acordei tão desesperado; nunca dei tantas e tantas voltas em redor da cama como naquela noite, após sair do cinema da Avenida Callao, no centro de Buenos Aires. Claudia não era mais, Claudia tinha desaparecido... O monstruoso assassino que fez a mágica foi preso em setembro de 2006, 30 anos depois. E voltei a lembrar-me de Claudia

Falcone. A ela estas linhas e à rapaziada do Passe Livre em todo o Brasil.

Em 16 de setembro de 1976, foram seqüestrados sete estudantes secundaristas. Entre eles Claudia Falcone. Com ela, María Clara Ciocchini e cinco meninos. As duas garotas estudavam Belas Artes na cidade de La Plata, capital da Província de Buenos Aires. Claudia e Maria Clara militavam na União de Estudantes Secundaristas e lutavam pelo **passé de ônibus para estudantes**. As forças armadas consideravam esse movimento “subversivo”. Claudia expressou numa reunião dos estudantes: **“Embora não consigamos o passe para nós, ficará para futuros estudantes.”**

As jovens foram seqüestradas da casa da avó de Claudia. Foram vistas pela última vez em 28 de dezembro de 1976. Passaram por diferentes centros clandestinos de detenção (10 ao todo) e foram torturadas, submetidas a todo tipo de abusos, violações sexuais e sanha. Diz Pablo Díaz, único sobrevivente do seqüestro e que participou como ator (é sua profissão) no filme *A Noite dos Lápis*: “Um dia, Maria Clara pediu a um dos guardas que não



a tocasse mais, que a matasse, mas que não mais a tocasse, enquanto batia a própria cabeça contra a parede”. Claudia tinha 16 anos, Maria Clara, 17.

A justiça chega, porque a memória não se detém, não esquece e não esquecerá jamais. O jornalista e escritor argentino Osvaldo Bayer, referindo-se ao militar assassino mandante, Miguel Etchecolatz, preso em setembro de 2006, diz que “se trata do autor da ação mais aleivosa imaginável. A prisão, tortura, morte e desaparecimento dos adolescentes que lutavam pelo passe estudantil colocou os militares argentinos em avançada crueldade se comparados aos criminosos nazistas”. Lembra que “em fevereiro de 1943, um núcleo de estudantes alemães da cidade de Munique editou panfletos contra a guerra. Foram submetidos a juízo, julgados culpados e guilhotinados ao terceiro dia”. Apesar do horror do fato, tudo foi publicado, brutalmente transparente. Em La Plata, os heróis da resistência eram mais jovens, adolescentes, lutavam pelo preço popular da passagem de ônibus e desapareceram. “Não estão nem vivos nem mortos”, como proclamavam os ditadores da Argentina.

Os jovens alemães foram à guilhotina, mas não foram violados, torturados, desaparecidos. Claudia, repito, 16 anos, o foi. Mas hoje, com 46 anos de idade (fez aniversário em 16 de agosto, dentro da nossa alma) aparece junto com seus companheiros adolescentes na iconografia mais límpida, pura, da educação portenha e argentina. Os jovens do presente a reconhecem nos currículos escolares como exemplo e matéria de memória e estudo. Uma importante escola municipal de Buenos



Aires se chama M. Claudia Falcone. As gerações presentes fizeram-na ressuscitar, reaparecer, para espanto e eterna perseguição dos seus carrascos. Claudia anda tão plena dentro do nosso peito, da nossa memória, do nosso dia-a-dia, que quando seus assassinos apodrecerem no esquecimento mais recôndito da história, ela voltará em cada mobilização, em cada gesto dos estudantes, em cada lágrima de vitória, em cada tensão de medo. Em todos os atos e leis que tencionem, até a vitória final, o direito de ir e vir, de estudar e trabalhar, de ocupar as ruas e cantar pela liberdade, Claudia voltará.

Claudia, junto com Maria Clara, atravessa as fronteiras entre os seus amores que a luta juvenil fez crescer nas árvores do martírio e da unidade. Acompanha os estudantes do Chile, os professores de Oaxaca, o MPL do Brasil, e em cada um deles planta uma primavera.

Manifestação pelo passe estudantil.
La Plata, Argentina, 1976

DIICAS NOJENTAS

PN Assista se estrear em sua cidade. O filme *Uma Verdade Inconveniente*, protagonizado por Al Gore, mostra as alterações no planeta em imagens atordoantes. Ele perdeu as eleições presidenciais para George Bush em 2000 e de lá para cá se dedica a dar palestras sobre a questão ambiental. Apesar do tom quase religioso do discurso de Gore, para quem a mudança na relação entre sociedade e natureza é desafio moral e espiritual, e não político, o filme vale a pena.

PN Em mais um ano marcado por guerras, é oportuna a leitura do livro-reportagem *Hiroshima*, de John Hersey, da Companhia das Letras. Ele conta a história de seis sobreviventes da bomba atômica um ano depois da explosão e 40 anos mais tarde. A reportagem é considerada a mais importante e influente do século 20.

PN Bruxas estão na moda, mas as que têm feitiço mais potente são as de Florianópolis. A artesã Sibylle Inui faz poderosas bruxas de palha que são lindas de se olhar. Contatos com sibylleinui@ig.com.br

PN Para quem deseja compreender melhor o espanhol, a livraria *Calle Corrientes*, instalada em Porto Alegre, tem livros e CDs. Interessados podem ter mais informações em www.callecorrientes.com.br. O atendimento é nota 10.

Assine Pobres & Nojentas

5 edições (bimestral): R\$ 22,50 (estão inclusas as despesas com o Correio)

- Deposite o valor na conta do Banco do Brasil nº 618-714-5, agência 0016-7
- Envie e-mail para eteia@gmx.net informando: data e hora do depósito, nome e endereço completo (com CEP)

PIORES MOMENTOS...

A amiga liga convidando para o aniversário dela numa pizzeria. Informa o local, a data e o horário e diz que faz questão da sua presença. Você compra um presentinho legal e leva o filho e o marido pensando que tudo é por conta da aniversariante. Chegando lá, percebe que cada um terá que pagar a sua parte. Sorte que tinha um cartão de crédito na bolsa e deu para jogar o gasto para mês seguinte.

#

Compra um presente para a amiguinha da filha na liquidação de verão. Sabe como é, aquele monte de aniversários em pleno mês de março. Depois da festinha a mãe da criança liga pra você:

– Daria pra trocar o pijama de verão por um de inverno? É que a Julinha tá precisando mesmo é de pijamas quentes!

#

Conversa com uma moça que não conhece e que está usando uma daquelas batinhas soltas que estão na moda. Quase sem pensar, solta:

– Para quando é o nenenzinho?

A fisionomia da moça transforma-se na hora.

– Já nasceu há dois anos, só que eu não consigo perder a barriga.

... DE POBRES & NOJENTAS

Essência

Por Rosângela Bion de Assis
de Florianópolis

O que restará do Natal além do feriado
e dos presentes possíveis
para aqueles a quem é possível?
O que restará do Natal além da decoração das ruas
e do pinheiro na sala?
O que restará além dos pedidos das crianças
e da ilusão que alimentamos
até o dia em que somos vencidos pela verdade?
O que restará do Natal além do 13º,
que sai antes de ter entrado?
O que restará além de alguns abraços, alguns cartões,
algumas mensagens, alguma oração e alguma tristeza?
A cada ano seguimos um roteiro,
interpretando um papel,
na mesma cena.
O que restará do Natal e de nós,
depois de tantos Natais?
Só uma última oportunidade
de buscar o verdadeiro sentido,
A sua essência,
a sua simplicidade fraternal,
um último suspiro do ser,
no hipnotizante mundo do ter.



Foto: Rosângela Bion de Assis

